



## INICIATIVA VERDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA NA SAVANA AMAZÔNICA

Jessica Paula Monteiro Oliveira<sup>1\*</sup>, Fernanda Neves Ferreira<sup>2</sup>, Wuesley Pereira do Espírito Santo<sup>3</sup>, Marcos de Lima Araújo<sup>4</sup>, Felipe Coelho de Oliveira<sup>5</sup>, Joselane Priscila Gomes da Silva<sup>6</sup>, Paulo Amador Tavares<sup>7</sup>, Fernando Galvão Rabelo<sup>8</sup>, Jacy Soares Corrêa Neto<sup>9</sup>, Mariana Martins Medeiros de Santana<sup>10</sup>

Universidade do Estado do Amapá<sup>1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10</sup>

\* jessicamonteiro.ap@gmail.com

### RESUMO

O projeto de extensão “Iniciativa Verde: protegendo a natureza e a comunidade”, realizado entre 2024 e 2025, teve como objetivo integrar o conhecimento acadêmico com os saberes tradicionais da comunidade quilombola do Ambé, situada na Bacia Hidrográfica do Rio Pedreira, em Macapá-AP. A ação envolveu estudantes de engenharia florestal e ambiental da Universidade do Estado do Amapá (UEAP) e buscou compreender aspectos socioambientais relacionados ao uso do território, com foco no uso controlado do fogo, conservação dos recursos hídricos e práticas agrícolas sustentáveis. Foram aplicados questionários, promovidas rodas de conversa, registros fotográficos com drone e oficinas de cartografia social participativa. Os dados apontaram que os principais focos de incêndio derivam de queimadas controladas e fora de controle, causando impactos como problemas respiratórios, perdas na fauna e flora e danos materiais. Em relação à água, o abastecimento público é predominante, mas é complementado por fontes alternativas, cuja qualidade é, em geral, considerada boa, embora as preocupações surjam no período seco. A implantação de um Sistema Agroflorestal (SAF) comunitário, utilizando mudas doadas pelo projeto, juntamente com a caminhada de identificação de espécies nativas, fortaleceu o vínculo dos moradores com o território. Essa experiência evidenciou a importância da extensão universitária tanto para a formação acadêmica quanto para o fortalecimento das comunidades tradicionais. Como limitação, à atuação se restringiu à Vila do Ambé. Para estudos futuros, recomenda-se a ampliação territorial e continuidade de ações participativas.

*Palavras-chave:* uso do fogo; gestão hídrica; mapeamento participativo; extensão universitária; comunidades tradicionais.

### INTRODUÇÃO

No âmbito da formação universitária, a extensão é um processo essencial para promover a interação entre a universidade e a sociedade. Em particular para os cursos de bacharelado em engenharia florestal, a extensão universitária contribui para a troca entre os saberes científicos e locais sobre diversas temáticas atinentes a sua formação (Biondi; Alves, 2011).

A fim de aproximar práticas acadêmicas aos saberes comunitários tradicionais, foi desenvolvido o projeto extensionista “Iniciativa Verde: protegendo a natureza e a comunidade”, no período de 2024 a 2025. Ele teve o intuito de promover atividades teóricas e práticas aos acadêmicos de engenharia florestal e ambiental da Universidade do Estado do Amapá, em parceria e colaboração com a comunidade quilombola do Ambé, localizada na Bacia Hidrográfica do Rio Pedreira (BHRP), que possui ecossistemas de florestas, savanas e áreas alagadas.

Nesse contexto, este trabalho tem por objetivo compreender aspectos socioambientais relacionados ao uso do território, tais como o uso controlado do fogo, conservação de recursos hídricos e práticas agrícolas sustentáveis da comunidade do Ambé a partir de um relato de experiência da execução do projeto extensionista. Tem-se por hipótese que, por se tratar de uma área de proteção ambiental, o território quilombola do Ambé representa uma área mais conservada da BHRP, com reduzida degradação ambiental, e que a experiência extensionista foi construtiva para todos os envolvidos, oportunizando um fluxo de saberes.

### MATERIAL E MÉTODOS

## Área de estudo

A comunidade quilombola do Ambé, localizada no município de Macapá, estado do Amapá, dentro da BHRP, integra-se ao sistema hidrográfico da bacia do Rio Amazonas em sua porção localizada mais ao sul (Figura 1) (Almeida, 2019). Trata-se de uma comunidade remanescente de quilombo fundada em 1898, possuindo uma relação com o território que é central para a sua identidade e sobrevivência. A economia local depende da pecuária, agricultura de subsistência, apicultura e piscicultura, com búfalos e suínos como fonte de renda (Holanda, 2011).

De acordo com o ato de reconhecimento do território Ambé, a comunidade é formada por 53 famílias distribuídas em uma área de 14.105,8970 hectares (Brasil, 2018). Entretanto, as ações extensionistas abrangeram apenas uma parte da comunidade, concentrando-se na Vila do Ambé e envolvendo, aproximadamente, 20 famílias.

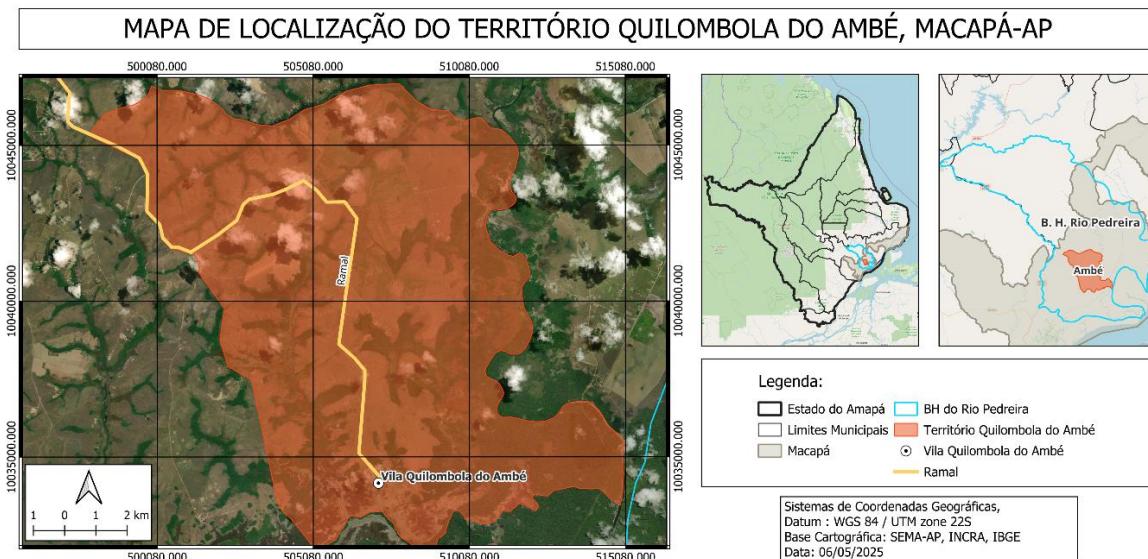


Figura 1. Mapa de localização  
Fonte: elaboração dos autores (2025).

## Análise e tratamento de dados

Trata-se de uma pesquisa descritiva de natureza social, sendo qualitativa, bibliográfica e documental, contendo ainda um estudo de caso como procedimento técnico (Prodanov; Freitas, 2013). Além disso, este trabalho utilizou do relato de experiência, baseado na vivência direta dos autores no Projeto Extensionista Iniciativa Verde. O relato de experiência tem como objetivo descrever, analisar e refletir criticamente sobre a situação real trabalhada, permitindo compartilhar aprendizados e contribuições relevantes para a área e objeto de estudo (Mussi; Flores; Almeida, 2021).

A fim de levantar dados sobre o fogo, conservação de recursos hídricos e práticas agrícolas sustentáveis da comunidade, foram realizadas visitas *in loco* durante o mês de outubro de 2024 e março de 2025. Durante as visitas, foram ouvidas as lideranças comunitárias, aplicados questionários aos moradores da vila, realizado registro fotográfico da área com sobrevoo de drone, além da cartografia social para o reconhecimento do território e de seus usos. Além dessas atividades, foram realizadas palestras e práticas aplicadas sobre os temas “Sistemas Agroflorestais (SAFs)” e “Valorizar, Coletar e Replantar Espécies Nativas do Bioma”.

Nos questionários havia perguntas sobre o perfil socioeconômico do respondente, tais como a composição familiar, idade, sexo, naturalidade, além de questões sobre as atividades agrícolas realizadas na propriedade. Havia ainda um eixo relacionado ao uso do fogo, com perguntas sobre a ocorrência de incêndio na região, seus impactos e as medidas preventivas. Por fim, o último eixo de perguntas tratava sobre o uso dos recursos hídricos, em que se questionava sobre a existência de nascente na região, a fonte de água utilizada, os usos da água, a qualidade da água etc. Para análise dos dados foram utilizados os Softwares Microsoft Excel e Microsoft Forms.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em sala de aula, os acadêmicos de engenharia florestal e ambiental recebem uma formação teórica sobre os espaços territoriais especialmente protegidos, que ocupam mais de 50% do território amapaense (Euler, 2014). Nesta temática, a extensão universitária oportunizou um maior detalhamento sobre a importância social e

ambiental dessas áreas, bem como os processos envolvidos em sua criação. No primeiro encontro com a comunidade do Ambé, em outubro de 2024, foi realizada uma roda de conversa em que o presidente da associação relatou o longo processo de reconhecimento da comunidade como remanescente quilombola. Os alunos puderam conhecer a história do território, os conflitos enfrentados e a forte relação de codependência entre a comunidade e a natureza.

Em visitas realizadas em março de 2025, foram aplicados 22 questionários a moradores da Vila do Ambé. As respostas sobre o uso do fogo na região possibilitaram aos acadêmicos relacionarem conhecimentos teóricos, como o Código Florestal, a Política Nacional de Manejo Integrado do Fogo e o conteúdo da disciplina de Proteção Florestal, com a realidade local. Os dados revelaram que as principais medidas preventivas adotadas são a limpeza da vegetação (50%) e o uso de aceiros (19%). As causas mais comuns de incêndios são as queimadas fora de controle (40%) e as queimadas controladas (30%), gerando impactos como problemas de saúde (33%), perdas na fauna e flora (18%), prejuízos materiais (9%) e outros danos (39%), incluindo poluição do ar e destruição de plantações. Quanto à participação em ações públicas de prevenção e combate ao fogo, 82% dos entrevistados afirmaram nunca ter participado, enquanto apenas 18% relataram algum tipo de envolvimento.

A Política Nacional de Recursos Hídricos, regulada pela Lei n. 9.433/1997, é uma importante temática que integra a ementa de formação dos graduandos em engenharia florestal e ambiental, principalmente, na região amazônica, que é caracterizada pelo avanço muito lento em relação à implantação dos instrumentos e dos órgãos do sistema nacional de gerenciamento hídrico (Ferreira et al., 2017). Sobre esse assunto, os acadêmicos puderam explorar as diversas finalidades de uso das águas pela Comunidade do Ambé a fim de subsidiar reflexões em termos de gestão hídrica.

Na comunidade da Vila do Ambé, 59% dos moradores declararam conhecer a presença de nascentes (olhos d'água) em seu território. Com relação ao meio de captação de água, 36% dos entrevistados possuem mais de uma fonte de captação de água, como poços artesianos e amazonas, e 64% possuem apenas um meio. O abastecimento público é o principal meio de captação de água, sendo utilizado por 50% dos entrevistados. O uso da água é predominantemente destinado ao consumo humano (91%), embora 54% dos moradores também relatem seu uso em atividades como dessedentação de animais, piscicultura e práticas agrícolas.

A percepção sobre a qualidade da água foi considerada muito boa ou excelente por 68% dos respondentes, enquanto 32% a avaliaram como regular. No entanto, 45% notaram alterações em suas características durante o período seco, indicando possível variação sazonal na qualidade da água. Em relação à saúde, apenas 18% relataram problemas associados ao consumo da água. Quanto às práticas de tratamento, 64% realizam algum tipo de procedimento, sendo o uso de hipoclorito de sódio o mais citado. Por outro lado, 36% afirmaram não adotar nenhuma forma de tratamento adicional.

No que consiste ao uso do território, como práticas agrícolas sustentáveis, foi realizada uma oficina de cartografia social. Esse método incorpora a percepção local sobre a paisagem, permitindo a identificação de áreas culturalmente importantes ou ecologicamente sensíveis (Almeida, 2013).

A oficina de cartografia, que contou com a participação de 14 pessoas, iniciou com uma roda de conversa para o alinhamento coletivo de informações. Em seguida, os participantes foram divididos em dois grupos e receberam cartolina branca, pincéis e lápis para elaborar mapas mentais da vila e os elementos mais significativos da comunidade. Posteriormente, utilizando mapas impressos do território do Ambé, juntamente com canetas, pincéis e adesivos, os grupos identificaram e registraram diversos aspectos socioambientais relevantes, como nascentes (olhos d'água), áreas de mata, zonas de atividades produtivas, pontos de risco, locais degradados, presença de lixo e queimadas recorrentes.

Durante a atividade, foi possível observar um importante processo de identificação e reconhecimento do território pelos participantes. Muitos moradores relataram que nunca haviam tido acesso a um mapa cartográfico que apresentasse os limites de sua comunidade. A participação ativa dos moradores durante a oficina possibilitou a identificação de elementos relevantes do território, contribuindo para o fortalecimento do senso de pertencimento e para a valorização da memória e das práticas locais.

Além dessas atividades, foram realizadas palestras sobre Sistemas Agroflorestais (SAFs). No primeiro encontro, foi abordada a parte teórica e, em um segundo momento, ocorreu a implantação de um SAF comunitário. O local para a implantação foi escolhido coletivamente pela comunidade, e foram utilizadas mudas de café, açaí, banana, uxi e cacau, doadas pelo projeto.

Após a palestra “Valorizar, coletar e replantar espécies nativas do bioma”, foi realizada uma caminhada juntamente com os participantes, com o objetivo de identificar as espécies arbóreas presentes na comunidade, destacando sua importância econômica e cultural.

Durante as atividades, foi possível perceber que a maioria dos participantes era composta por mulheres. Isso demonstra o forte envolvimento delas nas ações da comunidade, especialmente na proteção do território, no cuidado com a natureza e na transmissão dos saberes.

## **CONCLUSÕES**

A experiência de extensão com a comunidade quilombola do Ambé destacou a importância da troca entre saberes acadêmicos e conhecimentos tradicionais. Essa troca fortaleceu a educação ambiental, ao valorizar formas de apropriação do território e o incentivo de práticas sustentáveis.

As atividades realizadas de cartografia social, aplicação de questionários, palestras e implantação do SAF comunitário permitiram não apenas a troca de conhecimentos, mas também a construção coletiva de soluções adaptadas à realidade local. A participação ativa da comunidade reforçou o sentimento de pertencimento ao território, além de demonstrar a relevância da extensão universitária como ferramenta de conhecimento de realidades territoriais, transformação social e fortalecimento da identidade cultural.

Os resultados evidenciaram que ações integradas e colaborativas são fundamentais à conservação ambiental e à promoção de práticas concretas de desenvolvimento sustentável em territórios tradicionais. Como limitação deste projeto de extensão, destaca-se a abrangência restrita da amostragem à Vila do Ambé, o que pode ter limitado a representação de toda a comunidade. Recomenda-se, em estudos futuros, a ampliação do alcance territorial e a adoção de metodologias participativas contínuas, capazes de aprofundar o diagnóstico socioambiental da região a fim de fomentar estratégias de gestão integradas ao cotidiano comunitário.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos à comunidade quilombola do Ambé pela colaboração, receptividade e participação nas atividades desenvolvidas. À Universidade do Estado do Amapá (UEAP), pelo financiamento das bolsas, e à Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) pelo apoio institucional e incentivo à realização de ações extensionistas.

## **REFERÊNCIAS**

- ALMEIDA, J. C. de. **Fronteira agrícola na Amazônia:** análise da dinâmica do uso múltiplo da Bacia do Rio Pedreira no Estado do Amapá. 2019. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2019.
- ALMEIDA, A. W. B. **Cartografia social e dinâmicas territoriais:** mapas e relatos das comunidades quilombolas. São Paulo: Editora Cortez, 2013.
- BIONDI, D.; ALVES, G. C. A extensão universitária na formação de estudantes do curso de engenharia florestal - UFPR. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.**, v. 26, p. 209-224, 2011.
- BRASIL. **Edital de 31 de outubro de 2018, reconhecimento do território quilombola do Ambé.** Disponível em:<[https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/servlet/INPDFViewer?jornal=530&pagina=1&data=01/11/2018&captc\\_hafield=firstAccess](https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/servlet/INPDFViewer?jornal=530&pagina=1&data=01/11/2018&captc_hafield=firstAccess)>. Acesso em: 14 mai. 2025.
- EULER, A. M. C. Floresta Estadual do Amapá: Uma unidade de conservação sob ameaça. In: MAYER, R. et al. (org.). **Conflito, territorialidade e desenvolvimento:** algumas reflexões sobre o campo amapaense. Dourados-MS: Ed. UFGD, 2014. p. 173–192.
- FERREIRA, F. N. et al. Gestão de recursos hídricos na Amazônia: um panorama da participação da sociedade civil nos espaços deliberativos. **Holos**, v. 8, p. 336-351, 2017.
- HOLANDA, R. P. de. **A comunidade quilombola do Ambé:** conflitos territoriais e processo de demarcação de seu território. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Sociais - Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2011.
- MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.